

## **GUERRA CONTRA O ISLÃ NO DISCURSO MISSIONÁRIO BRASILEIRO**

**VALDINEI APARECIDO FERREIRA**

O acompanhamento da literatura sobre missões, especialmente em periódicos evangélicos, indica crescente interesse pelos países de maioria religiosa islâmica<sup>1</sup>. Escolhemos dois periódicos: *Revista Vinde* e *Revista Ultimato*. A primeira era uma das empresas da missão Vinde (Visão Nacional de Evangelização), presidida pelo pastor presbiteriano Caio Fábio D'Araújo Filho, sendo que, além da revista possuía também um Canal de TV paga e uma emissora de rádio. A Revista Vinde, bem como os demais empreendimentos, foram vendidos pelo pastor Caio Fábio após as revelações de seu envolvimento com o “*dossiê Cayman*”<sup>2</sup>. A Revista Vinde circulou de novembro de 1995 a outubro de 1999, depois foi comprada por outro grupo, passando a circular sob o nome de Eclésia.

A Revista Ultimato foi fundada em 1967 por uma família de presbiterianos e até hoje permanece propriedade familiar, com o objetivo de ser um órgão evangélico de comunicação, sem vínculo particular com qualquer denominação evangélica. Trata-se de publicação bi-mensal com tiragem de 50.000 exemplares<sup>3</sup>. Pelo conteúdo teológico da Revista é de se esperar que seus leitores estejam entre seminaristas e pastores das igrejas históricas e também de algumas igrejas pentecostais.

Em levantamento nessas duas revistas citadas encontramos significativa quantidade de matérias referentes ao tema das missões evangélicas. Na revista Vinde foram encontradas 84 matérias e na Ultimato foram encontradas 52 matérias. Além disso, verificamos uma oferta crescente de cursos destinados à formação de missionários para atuar fora do Brasil, denominados de missionários transculturais.

De imediato chama a atenção o elevado número de matérias dedicadas ao tema da liberdade religiosa/perseguição e da expansão da religião islâmica, principalmente na Revista Vinde. Porém, a maior parte das notícias de perseguição religiosa refere-se aos países de maioria islâmica, algumas poucas referências são feitas à Rússia e à China. É no mínimo instigante que o Brasil, sem nenhum registro de crescimento do islamismo e com

histórico de convivência pacífica com os imigrantes vindos das terras de Maomé, sinte-se incomodado com acontecimentos tão distantes de suas fronteiras. São freqüentes as notícias de perseguições, sempre ligadas a países de maioria islâmica, das quais relacionamos algumas chamadas:

*Cristão Marroquino é tratado como louco.* (Vinde, ano II, n. 14, dez. 1996)  
*Perseguições: Turquia, Egito e Arábia Saudita.* (Vinde, ano II, 18, mai. 1997)  
*O homem que desafiou o Islã – o kwaitiano Robert Hussein, convertido, incendiou a discussão sobre liberdade religiosa em seu país.* (Vinde, ano I, n. 12, out. 1996)  
*Liberdade vigiada na Indonésia.* (Vinde, ano I, n. 6, mai. 1996)  
*Cristãos na alça da mira: perseguição na Argélia.* (Vinde, ano 1, n. 3, jan. 1996)  
*Evangélicos proscritos.* (Vinde, Idem)  
*Liberdade vigiada no Iraque.* (idem)  
*Oração pelos perseguidos nos países muçulmanos* (Vinde, ano III, n. 34, set. 1998)  
*Tempo de mártires: cresce em todo o mundo a intolerância contra a Igreja de Cristo.* (Vinde, ano IV, n. 39, fev. 1999)  
*Indonésia em caos: perseguição religiosa.* (Ultimato, ano XXXII, n. 257, mar./abr. 1999)  
*Um cristão no meio de muçulmanos –* (Ultimato, ano XXXIII, n. 264, mai./jun. 2000)  
*Igreja sofredora sobrevive no Sudão.* (Ultimato, ano XXXIII, n.267, nov./dez. 2000)  
*Volta à Turquia e ajuda-nos.* (Ultimato, ano XXIV, n. 239, mar. 1996)

O islamismo, além de ser apresentado como inimigo da liberdade religiosa e perseguidor feroz dos cristãos, é também descrito como uma religião em rápida expansão pelo mundo, inclusive na América Latina. Relacionamos a seguir algumas reportagens sobre a expansão islâmica:

*Alá na América Latina: islamismo em expansão.* (Vinde, ano II, n. 15, jan./fev 1997)  
*Do México ao Brasil: a força da imigração de muçulmanos.* (Idem)  
*Alá na América Latina: islamismo em expansão.* (Vinde, ano, II, n. 14, dez. 1996)  
*Argentina: o islã no poder.* (Idem)  
*Panamá: missão muçulmana.* (Ibidem)  
*O islã cresce e assusta: religião muçulmana se expande e ameaça cristãos ao redor do mundo.* (Vinde, ano I, n. 11, set. 1996)  
*Islamismo em expansão no Egito.* (Vinde, ano 1, n. 7, mai. 1996)  
*Turquia quer islamizar a vizinha.* (Vinde, ano I, n. 2, dez. 1995)  
*Protestantes e muçulmanos crescem mais que católicos.* (Ultimato, ano XXVII, n. 228, mai. 1994)

A combinação do crescimento do islamismo com sua perseguição ao cristianismo fecha o círculo do argumento missionário. A resposta inevitável é a convocação das forças missionárias do cristianismo para combater o antigo inimigo maometano. Clara Mafra<sup>4</sup> analisou o modo pelo qual os evangélicos lançaram mão de “teorias persecutórias” para mobilizar os fiéis contra a aprovação de projeto de lei sobre meio ambiente, que tramitava na câmara federal, o qual feria os interesses das igrejas. Trata-se de recurso

freqüentemente utilizado por minorias religiosas. Segundo Mafra as “teorias persecutórias”, em sua função esquemática, “ *podem ser bastante eficientes na criação de certos pontos de condensação de informação onde podem se processar os acordos*”<sup>5</sup>. Campos destaca a estratégia da Igreja Universal na criação de um inimigo comum contra o qual os fiéis devem lutar; o inimigo pode ser a Rede Globo<sup>6</sup>, o catolicismo, as religiões afro-brasileiras ou mesmo outras igrejas evangélicas. No caso de nossa análise o acordo se faz em torno da urgência do empreendimento missionário, uma vez que o “inimigo muçulmano” está em franca expansão pelo mundo.

Além da presença do tema da liberdade religiosa/perseguição presente na mídia evangélica, os evangélicos brasileiros mantiveram contatos com duas entidades internacionais que atuam na defesa da liberdade religiosa no âmbito mundial. O primeiro contato foi com a *World Evangelical Fellowship (WEF) – Religious Liberty Commission*, por ocasião do Congresso Nacional da Associação Evangélica Brasileira (AEVB), Brasília, julho de 1994. John Langlois, membro da Comissão de Liberdade Religiosa, declarou aos presentes as preocupações da WEF com as perseguições sofridas por cristãos no Oriente Médio devido ao recrudescimento do fundamentalismo islâmico (Ultimato, ano XXVIII, n. 232, 1995, p. 20). A WEF tem por objetivo a defesa da liberdade religiosa, mas especialmente o apoio aos cristãos protestantes que estejam sofrendo algum tipo de discriminação em decorrência de sua opção religiosa. O segundo contato foi o *Congresso Mundial de Liberdade Religiosa*, no Rio de Janeiro em 22 de junho de 1997, que teve por tema: “*Enfrentando o novo milênio: liberdade religiosa numa sociedade pluralista*”. O evento foi promovido pela *International Religious Liberty Association (IRLA)*, uma organização para a defesa da liberdade religiosa, criada em 1893 nos EUA. O Congresso destacou que os cristãos são o grupo religioso que mais sofre com as perseguições religiosas. Além da presença de religiosos, o evento contou com a presença de membros, na época, dos governos federal e estadual – Íris Resende, ministro de Justiça; José Gregori, secretário nacional de Direitos Humanos; Marcello Alencar, Governador do Rio de Janeiro.

A atuação de instituições que se especializaram em divulgar informações sobre cristãos e igrejas que são perseguidos em outros países desempenha importante papel no crescente interesse das igrejas evangélicas brasileiras pelos temas da perseguição e liberdade religiosa no mundo. A missão *Portas Abertas* é exemplo de agência missionária especializada em divulgar informações sobre perseguição aos cristãos no mundo. A Missão *Open Doors* foi fundada na Holanda em 1955 por um jovem evangelista chamado André. Seu propósito era apoiar cristãos que viviam em países sob o regime comunista. No contexto da Guerra Fria, seu trabalho ganhou grande popularidade. Visitou os Estados Unidos e o Brasil algumas vezes. O livro “*O Contrabandista de Deus*”, que narra suas peripécias para fazer Bíblias e literatura cristã chegarem aos países comunistas, tornou-se best-seller com aproximadamente 10 milhões de cópias vendidas. A Missão *Open Doors* abriu escritórios de representação em diversos países. Entretanto, com a queda do Muro de Berlim em 1989 a ameaça comunista parecia vencida. Então, a Missão *Open Doors* resolveu voltar seus esforços para a defesa dos cristãos que estão sendo perseguidos em países de maioria religiosa islâmica e para a conversão dos seguidores do islã, é o que afirma o fundador da Missão:

Creio que o islã representa hoje o maior desafio à igreja. Não a sistemas políticos ou econômicos, mas à igreja. Por que? Em termos mais simples, porque nós da igreja ocidental não chegamos nem perto de igualar o nível de dedicação, determinação e força de muitos grupos muçulmanos. Cristo e Bíblia sem dúvida nos chamam a um compromisso radical, mas nós não exibimos no modo em que vivemos. Até que o façamos, o islã vai continuar a ser a religião que mais cresce no mundo – não pela sua força, mas pela nossa fraqueza.

Por esse motivo, venho dedicando o resto da minha vida ministerial a estes dois objetivos: ir aos muçulmanos em nome de Jesus, e fazer o que posso para fortalecer a igreja do mundo islâmico. De fato, é o que sempre fiz, mas como estou agora concentrado num grupo que parece ser absolutamente fechado aos cristãos, sinto-me como se tivesse começado uma carreira totalmente nova.

[...] É por isso que, em 1991 nós do *Portas Abertas* decidimos lançar outra campanha de orações: *dez anos de orações pela igreja do mundo muçulmano*. Estamos conduzindo essa campanha de modo semelhante àquela que fizemos pela União Soviética, mas com duas diferenças importantes. Primeiro, estamos orando por dez anos, não por sete, pois o mundo muçulmano é muito mais fechado ao Evangelho do que jamais o foi a União Soviética. E segundo, estamos concentrando as nossas orações na igreja do mundo muçulmano, pois ela é muitíssimo frágil e em alguns lugares quase inexistente<sup>7</sup>. (os grifos são nossos)

A Missão *Portas Abertas* possui escritório em São Paulo, de onde distribui informações, por meio de uma revista bi-mensal, para as igrejas evangélicas. Além da Revista, divulga informações por meio de vídeos e promove “férias missionárias”, que são

viagens organizadas pela Missão para países muçulmanos. Os participantes das viagens são geralmente profissionais liberais e estudantes universitários que custeiam a viagem com recursos próprios. A partir de 2002 Portas Abertas passou a organizar acampamentos que simulam situações de perseguição aos cristãos. Esses acampamentos são chamados de “*underground*” e são destinados ao público jovem das igrejas evangélicas.

A Missão Portas Abertas assume a defesa dos cristãos perseguidos com atitude que ultrapassa a tradicional resignação cristã. As estratégias adotadas são semelhantes às de outras organizações que militam na área dos Direitos Humanos. Portas Abertas elaborou uma “Classificação de Países por Perseguição<sup>8</sup>”, que é atualizada trimestralmente de acordo com o registro de novas perseguições sofridas por cristãos. Distribui endereços e modelos de mensagens para serem enviadas a embaixadas de países que estão na lista dos perseguidores de cristãos. Fornece também o endereço de presos e familiares, bem como modelos de mensagens de encorajamento, já redigidas em inglês. Países de maioria religiosa islâmica, como Arábia Saudita, Irã, Sudão, aparecem sempre nos primeiros lugares do ranking daqueles que mais perseguem cristãos. Portas Abertas promove o “Dia Internacional de Oração pela Igreja Perseguida”. Nesse dia, sempre no mês de maio, as igrejas evangélicas são convocadas para orar, refletir e solidarizar-se com os cristãos que vivem sob perseguição.

O tema da liberdade religiosa e da perseguição de cristãos pode, em alguns momentos, transcender os limites das divisões confessionais que atravessam o cristianismo, unindo cristãos de diferentes tradições em torno da defesa da liberdade religiosa. Foi o que aconteceu no evento relatado na reportagem abaixo:

O movimento, de origem conservadora e ancorado na tese básica de que pelo menos 200 milhões de cristãos são perseguidos em 70 países, a maioria deles de muçulmanos, mostrou vigor no domingo 15, quando mais de 50.000 igrejas e templos participaram do Dia Internacional de Oração pela Igreja Perseguida. Gente demais para ser ignorada. Tanto que no mês passado o presidente Bill Clinton sancionou a contragosto a lei que obriga o governo americano a adotar ações contra países denunciados por perseguição religiosa. A campanha – que irrita a diplomacia americana por “criar uma hierarquia artificial de direitos humanos”, segundo a secretária de Estado, Madeleine Albright – nasceu dos setores duros do fundamentalismo cristão, que batalham pelo ensino da teoria da criação divina nas escolas públicas, mas já mobiliza igrejas protestantes tradicionais e também os católicos. Reunir sob a mesma bandeira confissões que divergem profundamente em outros assuntos, como aborto e homossexualismo, é quase um milagre ecumênico, sobretudo por se basear numa tese de

comprovação duvidosa, de que há uma ameaça em escala mundial à fé cristã. (Veja, ano XXXI, n. 47, 25/11/1998, p. 81)

A partir da criação, em 1998, do Escritório de Liberdade Religiosa Internacional do Departamento de Estado dos Estados Unidos, o governo norte-americano incluiu como objetivo da sua política externa o combate à perseguição religiosa e a promoção da liberdade religiosa em todo o mundo. O Escritório é responsável pela emissão de um Relatório Anual, em setembro de cada ano, sobre a situação da liberdade e perseguição religiosa em todos os países estrangeiros. O Relatório anual deverá servir de fundamento para que o Congresso possa tomar medidas de sanção econômica contra os países que, pelos critérios norte-americanos, estejam violando a liberdade religiosa.

Trata-se de uma concessão às missões norte-americanas<sup>9</sup>; os maiores interessados no fim das barreiras contra a propagação do cristianismo. A avaliação do papel que será desempenhado pelo Escritório para Liberdade Religiosa precisará ainda de alguns anos, pois até agora foram publicados seis relatórios – 1999 a 2004.

Parece-nos claro que o discurso missionário brasileiro<sup>10</sup> situa-se dentro de um quadro mais amplo de assombro do Ocidente diante do Outro, ou do chamado Resto. Na sua forma acadêmica esse assombro foi consagrado na tese de Samuel P. Huntington<sup>11</sup>, segundo a qual os conflitos do século XXI seriam essencialmente de ordem cultural. Após a queda do muro de Berlim, a pergunta: “De que lado você está?” teria sido substituída por: “O que é você?”. Se a tese estiver correta<sup>12</sup>, a religião desempenha papel muito importante nesses conflitos. Setores considerados ecumênicos também têm dedicado atenção especial ao islamismo. A revista *Concilium*, editada por um grupo de renomados teólogos católicos e protestantes, dedicou um número especial ao que chamou de: “Islã: um desafio para o cristianismo” (*Concilium*, n. 253, 1994/3) e outro à violência de origem religiosa (*Concilium*, n. 272, 1997/4). Após o ataque de 11 de setembro às torres gêmeas do World Trade Center, a preocupação com o Islã assumiu proporções gigantescas. O interesse que estava restrito à mídia religiosa, extravasou para todos os meios de comunicação.

Perseguições localizadas a grupos cristãos realmente existem. Certo assombro do Ocidente, diante do mundo islâmico, também pode ser identificado. As missões, dentro da esquematização da “teoria persecutória”, transformam isso numa ameaça global à fé cristã, visando a extrair algum vigor espiritual dos cristãos ocidentais. Nos países do Primeiro Mundo, com exceção dos EUA, talvez essa estratégia não obtenha grande sucesso. Todavia, dos países do Terceiro Mundo estão surgindo os “novos soldados de Cristo”.

---

<sup>1</sup> Introduzimos aqui as definições terminológicas propostas por Peter Demant, embora no discurso missionário as confusões sejam freqüentes: “*Em primeiro lugar, o termo muçulmano refere-se a um fenômeno sociológico, enquanto islâmico diz respeito especificamente à religião. Desta maneira, por exemplo, pode-se afirmar que o Paquistão possui uma maioria muçulmana; mas nem por isso é um Estado islâmico. Islamismo e islamita, por sua vez, são utilizados para definir o movimento religioso radical do islã político, inspiração do que se chama popularmente de fundamentalismo muçulmano. É, portanto, confuso e incorreto usar o termo islamismo como sinônimo de islã, como acontece ocasionalmente em português*” (DEMANT, Peter. **O Mundo Muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2004, 14)

<sup>2</sup> Alexandre Fonseca Brasil analisa a trajetória do pastor Caio Fábio e o desenvolvimento de seus empreendimentos. Ver **Religião e Sociedade**, volume 19, número 1, 1998.

<sup>3</sup> Revista Ultimato, ano XXXIV, número 270, maio/junho de 2001, p. 6

<sup>4</sup> MAFRA, Clara C. J. , Dialética da perseguição. Em: **Religião e Sociedade**, vol. 19, n. 1, 1998, 59-83 pg.

<sup>5</sup> Idem, p. 62

<sup>6</sup> Campos (1997) faz uma análise detalhada dos conflitos entre a Rede Globo de Televisão e IURD ocorridos em 1995, destacando a habilidade da IURD em utilizar a estratégia da identificação do inimigo para mobilizar os fiéis. CAMPOS, L. S. **Teatro, templo e mercado – organização e marketing de um empreendimento neopentecostal**. São Paulo, Edições Simpósio/Umesp/Vozes.

<sup>7</sup> ANDRÉ, Irmão. (1998), **Desafiando os limites da fé: como ultrapassar as fronteiras das impossibilidades humanas**. São Paulo, Mundo Cristão. p.220-21

<sup>8</sup> A Missão Portas Abertas publicou recentemente um livro com informações sobre 52 países onde há perseguição aos cristãos: COMPANJEM, Johan. **Cristianismo de Alto Risco**. São Paulo: Carrenho Editorial, 2002.

<sup>9</sup> José Jorge de Carvalho afirma: “*Apesar do discurso oficial laico dos Estados Unidos ser um estado laico, há uma dimensão ideológica do poder do estado que é em boa medida evangélica; basta lembrar que essas gigantescas corporações de cristianismo midiático de alcance mundial não pagam impostos*”. (CARVALHO, José Jorge de. (1998), *Religião, mídia e os predicamentos da convivência pluralista: uma análise do evangelismo transnacional norte-americano*. In: MOREIRA, Alberto Silva (org.) **Sociedade Global: cultura e religião**. Petrópolis/São Paulo, Vozes/Universidade São Francisco. )Penso que a criação do Escritório para Liberdade Religiosa deva ser incluída na discussão da ambigüidade da estado americano no tratamento da liberdade religiosa.

<sup>10</sup> Para uma apreciação ampla das raízes missionárias das igrejas brasileiras bem como sobre as relações entre a expansão missionária brasileira e a globalização ver: FERREIRA, Valdinei A. **O Campo é o Mundo: análise sociológica da transnacionalização das igrejas evangélicas brasileiras**. 2002. 125f. Dissertação de Mestrado em Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo.

<sup>11</sup> HUNTINGTON, Samuel P. Choque das civilizações. Em: **Política Externa, Paz e Terra/Política Internacional & Comparada/USP**, vol. 2, n. 4, mar./abr./mai. 1994, p. 124.

<sup>12</sup> Edward W. Said, no texto “Islã e Ocidente são bandeiras inadequadas”, contesta a tese do “Choque de civilizações” S. Huntington. (SAID, E. **Cultura e Política**. São Paulo: Boitempo, 2003, p. 136-139)